

De Korikrã a Maria Gensch.

A filiação adotiva como um projeto civilizador (Blumenau – 1905-1914)

Silvia Maria Fávero Arend

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Em 1905, caçadores de índios financiados por colonos descendentes alemães e italianos, adentraram nas matas situadas a oeste do Vale do Itajaí e realizaram mais uma de suas “batidas” contra os indígenas que habitavam naquele território. Korikrã, menina Xokleng, presenciou aqueles ataques e depois os narrou para os seus pais adotivos:

“Conta ela que a tribo, da qual o pai dela era o cacique, era formada por algumas dezenas de pessoas, homens, mulheres e crianças inclusive. Provavelmente pela dificuldade de conseguirem alimentos bastantes para tanta gente separou-se um grupo menor, seguindo seu próprio rumo. Este grupo foi o primeiro assaltado pelos bugreiros. Os índios cativos levados a Desterro, e dos quais morreram todos, menos o menino Ndílina, foram vítimas deste assalto. Parte deste grupo conseguira fugir, tendo-se reunido novamente a tribo principal, transmitindo a notícia do ocorrido. (...) Os dois últimos ataques aos indígenas estavam muito bem organizados, resultando no extermínio completo desta tribo. O primeiro realizou-se logo após o levantar do sol, mas os índios viram-se cercados e não puderam mais chegar às suas armas, procurando-se salvar pela fuga quem pudesse. A menina presenciou como a mãe foi degolada, mas o pai agarrou a menina, fugindo com ela para o mato, incitando-a sempre: “corra...corra...”. (...) Seguiu-se o último assalto pela última lua cheia do ano passado. Neste último assalto os índios foram encurralados, de modo que ninguém conseguisse fugir.”¹

Naquela “batida”, Korikrã conjuntamente com outras mulheres e crianças, foram capturadas e posteriormente levadas pelos bugreiros através da região das araucárias para a cidade de Blumenau. Neste percurso, realizado a pé, os indígenas sofreram maus-tratos, contudo não foram expostos à população da região que pagava para vê-los como ocorrera com o grupo anterior de crianças e jovens. No trajeto até Blumenau, uma senhora vestiu-os e ofertou-lhes carne de galinha “para o resto da viagem”. Em Blumenau, inicialmente, os Xokleng foram alojados no Colégio das Irmãs da Divina Providência, onde foram batizados para depois serem transferidos na condição de “filhos de criação” para famílias da localidade. Korikrã foi batizada com o nome de Maria. Na monografia escrita sobre a menina o médico refere-se a ela pelo seu nome Xokleng. Porém, em outros documentos redigidos posteriormente, tais como cartas e crônicas jornalísticas, ela é chamada pelo pai e pelos demais de senhorita Maria Gensch.

Korikrã foi destinada para a família do Dr. Hugo Gensch. Segundo o pai adotivo, ele teve que enfrentar alguns obstáculos legais e morais para poder ficar com a menina, pois era cidadão

¹ GENSCHE, Hugo. Die Erziehung eines Indianerkindes (A educação de uma menina indígena). Trabalho apresentado no XVI Congresso de Americanistas Internacionais. Viena: 1908, p. 27, 28, 29.

alemão, livre pensador e não professava nenhuma religião. No que tange aos aspectos jurídicos, um médico brasileiro, amigo de Gensch, permaneceu como o tutor da menina indígena.

Hugo Gensch, influenciado pelos referenciais teóricos do Evolucionismo Social, acreditava que através de processos de socialização, que ele chamava genericamente de “educação”, operados pelas famílias, seria possível transformar as crianças e os jovens Xokleng adotados em pessoas civilizadas. Para o médico, se o seu “projeto civilizatório” tivesse êxito, as perseguições e o extermínio dos indígenas que ocorriam na região, desde o final do século XIX, poderiam cessar.²

O processo civilizador, como descreveu Norbert Elias, que acontece na dimensão do individual, mas visando sobretudo a estabilidade social e a dominação de classe, envolve um conjunto de práticas e valores que estão articulados entre si: os usos do corpo, o controle das emoções e a adoção de valores da cultura ocidental. A “educação” de Korikrã, de acordo com seu pai adotivo, durou aproximadamente 3 anos, contudo entendemos que ao longo de sua vida este “projeto civilizatório” esteve cotidianamente presente.³

A história de Korikrã e das outras crianças e jovens raptadas nos assaltos dos bugreiros e enviadas para Blumenau e Florianópolis desenrolaram-se em “locais” que Mary Louise Pratt chama de “zonas de contato”. Para a mesma, “zonas de contato” são “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, freqüentemente, em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação — como o colonialismo, o escravagismo, ou seus sucedâneos, ora praticados em todo mundo.”⁴ Entendemos que a relação de filiação adotiva que se estabeleceu entre as crianças e os jovens Xokleng e as famílias dos descendentes de alemães caracteriza-se por ser um encontro assimétrico entre duas culturas, a ocidental e a dos grupos Jês. A menina por exemplo, durante a sua “educação” parecia ter consciência do violento processo cultural que vivenciava. Eis as suas palavras relatadas por Gensch: “minha fala vocês não sabe, mas mim sabe fala de vocês, (sendo esta, mais ou menos, a versão daquilo que ela proclamava, no seu alemão ainda corrupto) por vezes entretanto, ela ficava contente, apontando para determinado objeto, perguntando como chama? e se eu soubesse dar o nome certo.”⁵

Korikrã inicialmente recusou-se a participar do “projeto” de Gensch. Esta recusa estava associada à questões de ordem psicológica. Segundo seu pai adotivo, a menina, nos primeiros dias na nova, casa experimentou a fase do terror, pois tinha medo de ser assassinada a qualquer momento. Neste período ela gritava e chorava muito. Posteriormente, ao perceber que não iriam

² Para maiores informações sobre este processo histórico vide o seguinte artigo: AREND, Sílvia Maria Fávero & WITTMANN, Luisa Tombini. O problema dos Xokleng no município de Blumenau (1900 – 1914): polifonias. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLIII. N.05/06. Maio/junho, 2002. p.62-82.

³ Vide: ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro : Zahar, 1994. Em especial o capítulo “A civilização como transformação do comportamento humano.”

⁴ PRATT, Mary. Louise. Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação. São Paulo : EDUSC, 2001, p. 27.

⁵ GENCSH, H. 1908, p. 39.

molestá-la, mas que não era possível voltar para os seus, Korikrã entrou em uma longa fase de melancolia onde ficava horas no jardim com os olhos baixos e em completo silêncio. Gensch nos fala sobre os sentimentos evocados por sua “filha de criação” na fase da melancolia:

“Quando ela já sabia se manifestar em alemão, disse ela repetidas vezes para a minha senhora: mamãe, vocês não devem supor que eu vim com gosto para junto de vocês. Não! Mas vocês todos são bons para comigo. Jamais, entretanto, eu poderia esquecer o que me aconteceu, e durante a noite vem sempre a minha mãe, de pescoço cortado, e mostra-me o meu irmãozinho, que foi retalhado em pedaços. Vem também o meu irmão Junvégma cantar para mim. De manhã, entretanto, quando eu acordo, eles não estão mais, e eu não tenho mais a ninguém, só a vocês.”⁶

Gensch, em seu relato, não nos informa quanto tempo Korikrã permaneceu na fase da melancolia. Sabemos entretanto que, certo dia, depois de um jantar, ela dramatizou para os seus pais e sua irmã adotiva como fora o trágico ataque em que sua mãe e seu irmão consangüíneos foram mortos. Após este processo, chamado pela Psicanálise de catarse, onde a pessoa libera os sentimentos muito fortes até então reprimidos, Korikrã ingressou de forma mais efetiva no processo civilizador. Entendemos que a menina Xokleng participa deste movimento em um processo de transculturação. Segundo Mary Louise Pratt, as noções de aculturação e de desculturação, vigentes por longo tempo nas Ciências Humanas e na Literatura, eram reducionistas e não davam conta de explicar os encontros ou embates culturais. Para autora, “a transculturação é um fenômeno da zona de contato.” A literata afirma:

“Etnógrafos têm usado este termo para descrever como grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam a partir de materiais a eles transmitidos por uma cultura dominante ou metropolitana. Se os povos subjugados não podem controlar facilmente aquilo que emana da cultura dominante, eles efetivamente determinam, em graus varáveis, o que absorvem em sua própria cultura e no que o utilizam.”⁷

O método usado pelos Gensch para “educar” a menina era constituído de duas etapas. Inicialmente se ensinava as novas práticas e os valores ou então deixava que, através da observação ela apreendesse os mesmos. Posteriormente, seus pais adotivos ou sua irmã, aprovavam as novas práticas executadas pela menina e desaprovavam as antigas. Neste processo eles utilizavam respectivamente as palavras “fein”(fino, bonito em alemão) e “pfui”(despreza, em alemão). Constatamos então que, através do método de aprendizagem aplicado a Korikrã, o processo civilizatório ia acontecendo, pois tínhamos de forma articulada a desqualificação da cultura Xokleng e a valorização da cultura ocidental.

Gensch afirma que Korikrã devia possuir em torno de 13 anos quando chegou à sua casa, pois três meses depois ela ficou menstruada. Os seus pais adotivos supreenderam-se com as suas práticas relativas ao corpo. O médico nos relata:

⁶ GENSCH, H. 1908, p. 26.

⁷ PRATT, M.L. 2001, p. 30, 31.

“Admiramos, desde o início, o asseio corporal da menina. De manhã ela lava-se muito bem limpando os dentes tão intensivamente com água, usando os dois dedos indicadores, que podia ter servido de exemplo a muita gente “civilizada”. De igual limpeza ela usava para as refeições. Embora só usasse as mãos para levar as comidas à boca, ela teve o máximo de cuidado para não sujar o vestidinho. Logo mais pode minha senhora verificar, também, o pudor feminino, durante o trocar de roupa, quando costumava ficar na posição de Vênus de Medici.”⁸

Mesmo admirando as práticas corporais da “selvagem”, seus pais adotivos paulatinamente lhe ensinaram outras que ela acabou incorporando, aparentemente, sem grandes resistências. De acordo com o seu pai, “o uso dos utensílios desconhecidos, para as refeições, ela aprendeu com relativa facilidade.”⁹ No que tange à limpeza corporal ela ia tomar banho no rio com a família. Nestas horas, a menina mostrava-se uma exímia nadadora. As necessidades fisiológicas, ela logo apreendeu a controlar. Para cobrir o seu corpo inicialmente lhe deram camisolas, porém depois a menina solicitou vestidos, sapatos e fitas para o cabelo. Os sapatos e as botinhas ela teve alguma dificuldade para usar. Nas fotos que temos de Korikrã, jovem ou adulta, ela está sempre vestida segundo a moda européia da época. Mas o que mais chama a atenção nestas imagens é a postura corporal da Xokleng. Ela parecia estar “à vontade” ao fazer as poses exigidas pelos fotógrafos do período.

Segundo Eduardo Viveiros de Castro, nos séculos XVI e XVII os padres jesuítas da colônia portuguesa na América produziram uma representação sobre a psique dos indígenas Tupi-guaranis e Tupinambás chamada pelo autor da “inconstância da alma selvagem”. Esta representação está presente nos textos de pensadores brasileiros do século XIX e das primeiras décadas do século XX, em especial, nos escritos de Gilberto Freyre. Para os religiosos, os indígenas se convertiam apenas superficialmente, voltando sempre para as práticas e os valores de sua cultura — canibalismo, guerra de vingança, bebedeiras, poliginia, nudez, ausência de autoridade centralizada e de implantação territorial estável — que era considerado pelos jesuítas como “maus costumes”: De acordo com o antropólogo:

“Esta proverbial inconstância não foi registrada apenas para as coisas da fé. Ela passou, na verdade, a ser um traço definidor do caráter ameríndio, consolidando-se como um dos estereótipos do imaginário nacional: o índio mal converso que, `a primeira oportunidade, manda Deus, enxada e roupas ao diabo, retornado feliz `a selva presa de um atavismo incurável. A inconstância é uma constante da equação selvagem.”¹⁰

Os opositores de Hugo Gensch estavam imbuídos desta percepção da “alma selvagem” descrita pelo etnógrafo. Para eles, que olhavam os tais “selvagens” a partir de uma identidade fixa, os indígenas, na primeira oportunidade que tivessem, fugiriam para a floresta ou matariam os seus pais de criação. Já para o médico era possível superar os “maus costumes” e a “inconstância da

⁸ GENSCHE, H. 1908, p.20.

⁹ GENSCHE, H. 1908, p. 20.

alma” dos Xokleng na medida em que estes eram características do estágio cultural da selvageria. Todavia parece não ter sido tarefa fácil o processo civilizatório que envolvia a psique de Korikrã. Gensch narra no seu relato que, muitas vezes, sua senhora ameaçava desistir do “projeto”. Primeiramente eles mostraram para a menina que membros da sua nova família não iriam matá-la a qualquer momento e que ela poderia confiar neles. Superado o “terror” inicial, seu pai adotivo começou levá-la para passear pelas ruas de Blumenau. Segundo Gensch, os olhares indiscretos das pessoas para ela na rua provocavam grande insegurança. Ela suava frio e queria logo voltar para casa. Porém, aos pouco a insegurança foi sendo amenizada, especialmente, quando Korikrã começou a falar o idioma alemão com as pessoas da família e, depois, com os estranhos. Para o seu pai adotivo, ela dera um longo passo em direção ao estágio da civilização. Para a menina, talvez, o mundo em que ela passara a viver tornava-se mais inteligível.

Não sabemos se o casal tentou impor para a sua filha adotiva alguma doutrina religiosa. O seu pai adotivo se intitulava como livre pensador, mas parecia ter formação católica, pois terminou de redigir o seu estudo durante a festa de Pentecostes de 1908. Em um artigo escrito na revista Blumenau em Cadernos, José Ferreira da Silva, nos informa que, Anna, a mãe adotiva de Korikrã, levava a menina para assistir as missas na igreja matriz.¹¹ As outras crianças indígenas, que ficaram sob a tutela das irmãs da congregação da Divina Providência, eram obrigadas a professar a fé católica.

O conceito de civilização para os alemães estava associado a noção de Kultur. O idioma alemão, conjuntamente a Kultur e o Geist eram os valores constitutivos do ideário nacionalista alemão intitulado de Deutschtum.¹² Para o seu pai adotivo, ao aprender o idioma alemão, a menina transpusera duas fronteiras que para os teutos estavam, muitas vezes, entrelaçadas, a civilizacional e a étnica. Não estamos afirmando que, ao falar o alemão, Korikrã passava a ser considerada um membro do grupo étnico, mas sim que ela deixava de ser vista como uma “selvagem” para ingressar na categoria dos “outros”— italianos, brasileiros, afrodescentes, etc — percebidos, quase sempre, como inferiores.

De acordo com Gensch a menina demorou um tempo até falar o idioma alemão de forma correta. Segundo ele, “surgiram palavras e denominações gozadas. Cadeira durante muito tempo, era senta-te aqui, enquanto a escada era interpretada pelas palavras venha para mim. Um homem de nariz vermelho, ela caracterizava como homem de nariz-acende-fogo.¹³ Esta dificuldade talvez estivesse associada as formas de percepção do mundo vigentes na cultura Xokleng. Enquanto a

¹⁰ CASTRO, Eduardo Viveiros de. O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem. In: A inconstância da alma selvagem. Rio de Janeiro : Sete Letras, 2002, p. 186-187.

¹¹ SILVA, José Ferreira da. O Natal da Bugrinha. Blumenau em Cadernos. Tomo III , n.12. dezembro, 1960, p. 233-35.

¹² Sobre o nacionalismo alemão e as populações do Vale do Itajaí vide: SEYFERTH, Giralda. Nacionalismo e identidade étnica. A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do vale do Itajaí. Florianópolis: FCC, 1981.

cultura ocidental atribui nomes que singularizam os objetos, os Jês descrevem as coisas a partir das suas funções. O aprendizado do idioma alemão possibilitou que Korikrã frequentasse a escola e apreendesse a escrever. Depois de um certo tempo, seu pai adotivo nos conta, que ela demonstrou interesse em apreender até a língua inglesa.

Hugo Gensch enfatiza em seu relato que adotou Korikrã para civilizá-la e não para obter mão-de-obra. Segundo o médico, com exceção de um caso, os demais pais adotivos blumenauenses visavam o mesmo que ele. Contudo entendemos que a possibilidade de obter um acréscimo na mão-de-obra familiar também impulsionava estes casais a cuidarem dos pequenos Xokleng. Já no colégio católico, por exemplo, as crianças indígenas tinham que auxiliar as irmãs nos serviços domésticos.

Viveiros de Castro infere que o tema da civilização dos “gentios” atormentava as elites portuguesas e, depois, as brasileiras há quase 500 anos. As missões jesuíticas, os aldeamentos, a introdução da servidão, entre outras experiências, foram consideradas pouco eficazes na medida em que os indígenas retornavam para o seu ethos cultural. Para o evolucionista social Hugo Gensch, a família era o grande instrumento civilizador e a sua filha adotiva Maria Gensch — vítima de um seqüestro e de uma violência cultural radical — era a “prova” disso. Korikrã permaneceu solteira e morando com sua família adotiva até morrer, em 1936, acometida pela tuberculose. Reza um antigo ditado popular que as doenças do peito estão associadas as tristezas da alma.

Referências Bibliográficas.

ALVES, Rosilene M. Se mostram de novo os bugres. Abordagens da imprensa catarinense sobre o indígena. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina.

AREND, Silvia Maria Fávero & WITTMANN, Luisa Tombini. O problema dos Xokleng no município de Blumenau (1900-1914): Polifonias. Revista Blumenau em Cadernos. Tomo XLIII. N.05/06. Maio/Junho, 2002. p. 62-82.

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro : Guanabara, 1981.

BURGUIÈRE, André et alii (Org.) História da família. Tempos medievais: ocidente, oriente. Lisboa : Terramar, 1997.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem. In: A inconstância da alma selvagem. Rio de Janeiro : Sete Letras, 2002.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro : Zahar, 1994.

ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do estado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

¹³ GENSCH, H. 1908, p. 23.

FALCÃO, Luis Felipe. Entre ontem e amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX. Itajaí, Editora da UNIVALI, 2000.

SILVA, José Ferreira da. O Natal da Bugrinha. Blumenau em Cadernos. Tomo III , n.12. dezembro, 1960.

GENSCH, Hugo. Die Erziehung eines Indianerkindes (A educação de uma menina indígena). Trabalho apresentado no XVI Congresso de Americanistas Internacionais. Viena: 1908

GOMES, Mércio Pereira. Os Índios e o Brasil. Ensaio sobre um holocausto e sobre uma nova possibilidade de convivência. Petrópolis: Vozes, 1991.

LAVINA, Rodrigo. Os Xokleng de Santa Catarina. Uma Etnohistória e sugestões para os arqueólogos. São Leopoldo: UNISINOS, 1994.

MARCÍLIO, Maria Luiza. História social da criança abandonada. São Paulo: Hucitec, 1998.

MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. Meninos e meninas na rua: impasse e dissonância na construção da identidade da criança e do adolescente na República Velha. Revista Brasileira de História. Dôssie Infância e Adolescência. São Paulo. v. 19, n.37, p. 85-102. 1999.

PRATT, Mary Louise. Os olhos do império. Relatos de viagem e transculaturation. Bauru: EDUSC, 1999.

POUTIGNAT, Philippe et alii. Teorias da Etnicidade. Seguindo de Grupos Étnicos e suas fronteiras. São Paulo: Editor da UNESP, 1998.

RIZZINI, Irene. O Século Perdido. Raízes históricas das Políticas Públicas para a Infância no Brasil. Rio de Janeiro: Amais, 1997.

SANTOS, Silvio Coelho dos. Índios e brancos no Sul do Brasil. A dramática experiência Xokleng. Florianópolis: Lunardelli, 1973.

SEYFERTH, Giralda. Nacionalismo e identidade étnica. A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do vale do Itajaí. Florianópolis: FCC, 1981.